

Mente Criativa: A Narrativa na Semântica Sociocognitiva

Angela Meili¹
Eliana da Silva Tavares²

RESUMO

Este artigo investiga a relação entre linguagem, cognição e narrativa sob a perspectiva da semântica sociocognitiva. Argumenta-se que a linguagem não é um sistema formal isolado, mas uma atividade cognitiva enraizada na experiência corporal e social, estruturando-se por meio de modelos cognitivos como esquemas, metáforas e narrativas. A narrativa, enquanto organização temporal e espacial de eventos, é apresentada como um mecanismo fundamental da cognição humana, articulando processos mentais e estruturas linguísticas. Destaca-se o papel da cognição cultural, compreendida como um sistema distribuído e emergente, moldado pela interação social e transmitido linguisticamente. A capacidade imaginativa da mente é enfatizada como central na construção de sentido, superando a visão tradicional da linguagem como representação literal da realidade. A partir das contribuições de autores como Lakoff, Langacker, Turner, Talmy e Sharifian, defende-se que a linguagem ativa redes cognitivas complexas, configurando-se como um sistema criativo e dinâmico. Conclui-se que a narrativa não é apenas uma forma de expressão literária, mas uma estrutura cognitiva e cultural que fundamenta a experiência humana e orienta a construção do significado na linguagem cotidiana.

Palavras-chave: narrativa, cognição, semântica sociocognitiva.

1 Universidade Federal do Rio Grande (FURG), meili.prof@gmail.com.

2 Universidade Federal do Rio Grande (FURG), elianafurg@yahoo.com.br.

ABSTRACT

This article investigates the relationship between language, cognition, and narrative from the perspective of sociocognitive semantics. It argues that language is not an isolated formal system, but a cognitive activity grounded in bodily and social experience, structured through cognitive models such as schemas, metaphors, and narratives. Narrative, as the temporal and spatial organization of events, is presented as a fundamental mechanism of human cognition, linking mental processes and linguistic structures. This study highlights the role of cultural cognition, understood as a distributed and emergent system shaped by social interaction and transmitted through language. The imaginative capacity of the mind is emphasized as central to meaning construction, challenging the traditional view of language as a literal representation of reality. Drawing on the work of Lakoff, Langacker, Turner, Talmy, and Sharifian, the article argues that language activates complex cognitive networks, constituting a creative and dynamic system. It concludes that narrative is not merely a form of literary expression, but a cognitive and cultural structure that underpins human experience and guides meaning construction in everyday language.

Keywords: narrative, cognition, sociocognitive semantics.

64

Apresentação

A relação entre a linguagem e o pensamento é um tema central no campo da psicolinguística, da ciência cognitiva e da linguística. A linguística cognitiva, em particular, explora a conexão entre a linguagem e os processos mentais. Para a semântica sociocognitiva, a linguagem é uma fonte de conhecimento experiencial que participa da criação de estruturas conceituais.

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa teórica e bibliográfica, que visa refletir sobre a relação entre linguagem, cognição e narrativa a partir da perspectiva da semântica sociocognitiva. A investigação baseou-se na análise crítica e interpretativa de obras fundamentais de autores como George Lakoff, Ronald Langacker, Mark Turner, Leonard Talmy e Farzad Sharifian, entre outros, cujas contribuições delineiam as bases conceituais e epistemológicas da área.

Foram selecionados textos clássicos e contemporâneos, priorizando produções que discutem modelos cognitivos, conceptualizações culturais e a dimensão narrativa da linguagem. A revisão da literatura foi conduzida com o objetivo de integrar conceitos-chave que permitissem aprofundar a compreensão do papel da narrativa como estrutura cognitiva, cultural e linguística. Este artigo busca responder à seguinte questão central:

Como a narrativa, entendida como estrutura cognitiva e cultural, fundamenta a experiência humana e a construção de sentido na linguagem a partir dos pressupostos da semântica sociocognitiva?

O objetivo principal consiste em investigar a relação entre linguagem, cognição e narrativa, defendendo que a narrativa não se restringe a uma forma de expressão literária, mas constitui um mecanismo fundamental da cognição humana, profundamente enraizado na experiência corporal e cultural.

Conforme Langacker (1999), a linguagem não é um sistema isolado, ela utiliza e interage com os mesmos mecanismos cognitivos gerais que são empregados em outras atividades mentais, como a percepção, o raciocínio, a memória, a atenção *etc.* Nesse sentido, a estrutura da linguagem se baseia em modelos cognitivos (Lakoff, 1990) de uma cognição que é corporificada (*embodied cognitive models*). Por isso, a forma como entendemos e usamos a linguagem conecta-se diretamente às nossas experiências sensório-motoras, perceptivas e sociais (Gibbs Jr., 1994): os conceitos são motivados pela interação que estabelecemos com o mundo físico através do corpo, essa ligação é responsável por ancorar o significado na experiência.

A semântica sociocognitiva trabalha com modelos cognitivos ao explorar a ligação entre o domínio cognitivo e o domínio da linguagem. Os *modelos cognitivos* são estruturas complexas (*gestalts*) usadas para interpretar o nosso mundo mental e são extraídos da experiência (corporal e social). Ressalta-se que a compreensão do significado não ocorre na conexão direta com um mundo externo, mas via “experiências reais, em mundos reais, com corpos reais” (Lakoff, 1990). Conforme Langacker (1999), há uma série de modelos propostos¹, não exploraremos propriamente esses modelos, mas é importante que os tenhamos em mente para ilustrar como se pode *relacionar, semanticamente, a cognição e as formas da linguagem, desenvolvendo possibilidades de compreensão do funcionamento cognitivo a partir da observação do uso cotidiano da linguagem e de suas estruturas* (Langacker, 1999).

1 Dentre os mais gerais: a) *Modelos Proposicionais*: especificam elementos, suas propriedades e as relações entre eles; b) *Modelos Metafóricos*: baseiam-se em mapeamentos e domínios conceituais; c) *Modelos Metonímicos*: trabalham com contiguidades conceituais; d) *Modelos esquemáticos de imagem*: estruturas conceituais abstratas derivadas da experiência corporal e perceptiva; e) *Modelos simbólicos*: relacionam o conteúdo do sentido aos modelos no sistema conceptual.

Os modelos cognitivos são essenciais para entender o mundo (Lakoff, 1990), permitindo dar sentido aos fenômenos. Vale ressaltar que eles não são apenas representações abstratas e desconectadas da nossa vivência. *Tais modelos são idealizados, mas não são abstratos* (Langacker, 1991). Eles não são necessariamente representações fiéis ou completas da *realidade objetiva*, essa idealização implica que eles podem não se encaixar perfeitamente nas situações do mundo real e não precisam ser totalmente consistentes entre si.

Nesse contexto, o *aspecto narrativo da linguagem relaciona-se diretamente à experiência cognitiva de uma mente corporificada*. Segundo Turner (1996), a própria estrutura gramatical da linguagem correlaciona-se à *experiência cognitiva da narrativa*, ou da história; o autor fundamenta essa noção via uma teoria segundo a qual a origem da linguagem e de suas estruturas se atrela à *parable*, sugerindo que a gramática deriva de histórias básicas do cotidiano. A *parable*, ou seja, a narrativa seria uma capacidade cognitiva subjacente e originária da gramática e das linguagens humanas.

Trata-se de um posicionamento que contrasta ao paradigma objetivista da Gramática Gerativo-Transformacional², questionando que a linguagem vai além de um pertencimento a um módulo cerebral geneticamente especializado e autônomo, e que esse conhecimento linguístico restringe-se a um léxico e a um conjunto de regras sintáticas recursivas.

No âmbito dessa teoria, a *parable* é entendida como uma atividade cognitiva que envolve a projeção de estrutura de histórias (ou narrativas), e a origem da gramática é concebida como o estabelecimento de um complexo dinâmico coordenado de estruturas que surgem a partir das projeções da estrutura da história (Turner, 1996). Há, por exemplo, histórias abstratas básicas que são fundamentais para compreender situações cotidianas, por exemplo, a ação de alguém provocando o movimento de um objeto. Nessa história/cena básica, é possível distinguir conceitualmente o agente, a ação em si e o objeto, tal distinção ocorre no espaço das possibilidades conceituais.

Considerando a relação intrínseca entre estrutura cognitiva e estrutura gramatical, ao propor pensar em uma *mente literária*, Turner (1996) demonstra que a projeção de vastos sistemas de estrutura narrativa pode fazer com que *categorias complexas de eventos* correspondam a *categorias gramaticais*; quer dizer, a percepção de eventos com foco temporal e ponto de vista pode ser projetada para criar estruturas gramaticais, como os tempos verbais. Turner vai mais além ao atribuir *parable* a um atributo, a capacidade mental: a estrutura narrativa básica é uma capacidade cognitiva basilar, intrínseca à mente humana. Quer dizer, a mente humana não apenas entende narrativas, mas pensa em termos narrativos.

2 De onde a Linguística Cognitiva herda o interesse em investigar com maior atenção a relação entre língua e mente – pensando na capacidade produtiva da linguagem em relação ao cérebro.

Há uma relação interdependente entre os processos cognitivos, os processos gramaticais e as estruturas narrativas: a prosa, que apresenta personagens e suas ações, pela narrativa só é facilmente compreensível porque os leitores/ouvintes esperam que as histórias se alinhem com a estrutura das construções gramaticais utilizadas:

*Linguistics typically discusses grammar at the level of the sentence. The theory of grammar as arising from parable invites us to ask whether the structure of units of discourse higher than the sentence might share structure with sentential grammatical constructions. Grammatical constructions are units of discourse; higher units of discourse contain them*³. (TURNER, 1996, p. 159)

Vale ressaltar que se trata de uma concepção de linguagem em que a cognição é criativa e imaginativa... imaginação que, por sua vez, não é oposta ou marginal à racionalidade, nem mesmo limitada ao gênero literário: a criatividade e a imaginação são características ubíquas e essenciais da cognição humana e da comunicação diária (Fauconnier e Turner, 2002). A linguagem não é um sistema autônomo de representação de sentidos preexistentes, nem mesmo um recipiente para o pensamento, mas um sistema complexo capaz de ativar redes neurais e padrões de conceptualização, tais como esquemas e modelos mentais que constituem as *parables*, as *narrativas* e outros tipos de discurso etc.

Nesse contexto, as sequências narrativas não são apenas uma forma de linguagem, mas um aspecto cognitivo fundamental que estrutura nossa compreensão do mundo. Elas são modelos culturais compartilhados que servem de base para ações e comportamentos. A linguística sociocognitiva concorda que *o significado é a conceptualização*, e estas são *constituídas culturalmente*: são emergentes no nível da *cognição cultural*.

A COGNIÇÃO CULTURAL

Farzad Sharifian (2001) desenvolve a ideia de uma cognição cultural, que, em grande parte, é transmitida pela linguagem. De acordo com o autor, a linguagem age como portadora e repositório de conceptualizações culturais, que incluem esquemas, categorias e metáforas conceituais.

A cognição não está restrita à mente ou à atividade mental individual, ela é uma noção que se expande para incluir a dimensão da cultura. Isso porque

3 A linguística geralmente discute a gramática no nível da sentença. A teoria da gramática como originada da parábola nos convida a questionar se a estrutura de unidades de discurso maiores do que a sentença pode compartilhar estrutura com construções gramaticais sentenciais. As construções gramaticais são unidades de discurso; unidades superiores de discurso que as contêm (TRADUÇÃO NOSSA).

a cognição não é somente uma propriedade de indivíduos, mas também um fenômeno interacional, o que se entende (Sharifan, 2011) como sendo um nível de cognição, que é a cognição cultural emergente. Ela é emergente, pois emerge, resulta das interações entre os membros de um grupo cultural ao longo do tempo e do espaço. Conforme o autor, as propriedades emergentes da cognição ao nível do grupo superam o que está representado na mente de cada indivíduo e surgem dessas interações.

A cognição cultural é heterogeneamente distribuída através das mentes de um grupo cultural, ou seja, os membros do grupo possuem vários graus de conhecimento ou consciência de suas conceptualizações culturais. Por isso, quando falamos em narrativa, seja enquanto produto, seja enquanto processo, estamos falando de uma atividade cultural. Para a linguística sociocognitiva, a cultura (incluindo a linguagem), pressupõe uma cognição distribuída: a cultura é uma vasta rede cognitiva por si só. Essa percepção é uma mudança de paradigma muito significativa, pois a faculdade da linguagem poderá ser constituída apenas em parte dentro dos cérebros, havendo a necessidade de se chamar atenção para o poder construtivo de fatores extraneurais ou supracognitivos. De acordo com Turner (1996), a mente humana pode ser vista como um cérebro virtual distribuído nos cérebros individuais de todos os participantes da cultura:

I maintain that ‘cognition’ may also be viewed as a property of cultural groups, and not just individuals. I refer to this level of cognition as emergent cultural cognition in the sense that what is being described as cognition here is an emergent system (e.g. Johnson, 2001) resulting from the interactions between the members of a cultural group across time and space⁴. (SHARIFIAN, 2011, p. 21)

Segundo Sharifan (2011), a linguagem atua como um *banco de memória coletiva* para as conceptualizações culturais, passadas e presentes e é moldada pelas que prevaleceram na história de uma comunidade linguística – itens lexicais ou expressões (como “era uma vez”, e “viveram felizes para sempre”, por exemplo) são índices de conceptualizações amplamente derivadas da experiência cultural de seus falantes e estão atrelados a *frames* e/ou *scripts* específicos e culturalmente reconhecidos.

Dificuldades na compreensão intercultural, por exemplo, podem resultar das diferenças na cognição cultural. Conforme Sharifian (2011), a nível pragmático, a compreensão das implicaturas e forças ilocucionárias ocorre à luz da cognição cultural. Pensando na parábola como uma função

4 “Sustento que a “cognição” também pode ser vista como uma propriedade de grupos culturais e não apenas de indivíduos. Refiro-me a esse nível de cognição como cognição cultural emergente, no sentido de que o que aqui está sendo descrito como cognição é um sistema emergente (por exemplo, Johnson, 2001), resultante das interações entre os membros de um grupo cultural ao longo do tempo e do espaço” (TRADUÇÃO NOSSA).

cognitiva, os diferentes modelos narrativos, em diferentes culturas, podem projetar diferentes sistemas verbo-temporais ou de descrição espacial. Dessa forma, tanto a nível conceptual quanto gramatical, as estruturas de pensamento subjacentes às narrativas configuram experiências individuais e coletivas com a realidade.

Pensar a origem da linguagem e da gramática como derivada de estruturas como a *parábola* ou a *história*, ou seja, de sequências narrativas, pode parecer uma ideia inusitada. No entanto, Turner (1996) defende que, desde a aquisição, o contato com a linguagem e o seu uso predominante requer o aprendizado de *estruturas de histórias* (que são sequências narrativas), sugerindo que a linguagem e o pensamento figurativo estão intrinsecamente ligados, resultando nas formas de linguagem.

A linguística cognitiva toma a cognição cultural de maneira sistemática: *a cognição cultural é um sistema adaptativo complexo* – um sistema aberto cujas interações são constantemente reconstruídas; é um sistema constituído, transmitido e instanciado pela linguagem. Conforme Fauconnier (1997), *a linguagem não é apenas um input para o raciocínio superior*, mas também está ativamente envolvida em construir interpretações, mapeamentos entre domínios e configurações de discurso, de modo que as operações mentais para a produção de sentido, na linguagem cotidiana, são as mesmas que operam em formas superiores de pensamento e comunicação.

Portanto, Sharifian (2011) explora o tema da relação entre as conceptualizações culturais e a linguagem, propondo fundamentar a linguagem em processos de conceptualização cultural no nível da cognição cultural. O sistema de conceptualizações (que é o sistema da linguagem) está enraizado em uma base cultural, temos um sistema distribuído, de natureza complexa e multifacetada. O processo pelo qual os sistemas de conceptualizações se enraízam na cultura não se dá de forma automática e predeterminada, mas através de um dinamismo interativo complexo entre os falantes, em que essas conceptualizações são negociadas e convencionalizadas ao longo do tempo⁵.

Para analisar as conceptualizações culturais, é necessário observar que se manifestam subjacentes ao uso da linguagem e entender que funcionam em um sistema complexo, emergente e heterogeneamente distribuído. As conceptualizações culturais fornecem o contexto para o discurso, nem sempre estando explícitas em sua superfície, mas presentes na base cultural partilhada, de culturas específicas. Partilhada porque a cognição cultural, em si, não é uma propriedade individual, mas coletiva.

5 É interessante apresentar, especificamente, alguns tipos específicos de conceptualização cultural (que podem ser associados diretamente aos elementos da narrativa): 1) Esquemas de eventos (sequências típicas de eventos); 2) Esquema de papéis (estruturas dos papéis sociais); 3) Esquemas de Imagem (organização espacial e perceptual da experiência); 4) Esquemas proposicionais.

Elas não são representações abstratas nas mentes individuais e não se reduzem a operações formais de símbolos: elas não são (conforme Langacker, 1991) um fenômeno cognitivo localizado em mentes individuais. Nesse ponto, expande-se a noção de cognição para uma propriedade coletiva (Sharifian, 2011) que não condiz com o determinismo cultural, pois cada indivíduo relaciona-se com a rede à sua maneira, de forma contínua.

Cognição Cultural Distribuída

DISTRIBUÍDA
O conhecimento cultural está espalhado entre os membros do grupo.
Presente nas mentes do grupo, mas não de forma uniforme.
EMERGENTE
A cognição do grupo surge das interações e não está totalmente contida em nenhum indivíduo isolado.
O grupo não é o somatório das partes, mas sim uma relação complexa da combinação de determinadas partes entre si.
HETEROGÊNEA
Diferentes membros do grupo possuem conhecimentos e interpretações culturais distintas, influenciadas por fatores sociais e individuais.
Variação individual (idade, gênero, redes sociais).

MENTE E NARRATIVA

Os estudos da semântica cognitiva trabalham com a análise de frames, que é um esquema de interpretação dos princípios organizadores que as pessoas utilizam para identificar e compreender uma situação experienciada. O *frame* é definido como um “esquema de interpretação particular que organiza experiências” (Goffman, 1986). Nesse contexto, a narrativa oferece uma organização da experiência, estruturando a ação (a sequência temporal e espacial, por exemplo). Na mesma direção, a experiência de *transformação*, que é inerente à experiência humana, é produzida pela sequência temporal em narrativas.

Um conceito semântico relevante para pensar nas aproximações entre a mente e a narrativa são os *scripts*. Eles integram a *semântica de frames* e explicam pontos importantes sobre a compreensão de mundo, especialmente o aspecto do contexto e a identificação de eventos básicos. Os *scripts* são *eventos básicos* que configuram nosso conhecimento de mundo: conhecimentos estruturados de sequência de eventos comuns que geram estruturas de linguagem (como “lavar a louça”, “tomar banho” *etc.*).

Conforme Goffman (1986), a noção de *scripts* tem uma relação intrínseca com a linguagem do teatro, em que são feitas sequências de ações

e diálogos predefinidos. Esses eventos encenados simulam a realidade, são estruturas que *contam uma história* e organizam a experiência cognitiva. Segundo a autora, a capacidade do público de acompanhar a narrativa e os personagens está ligada a como o *script* guia a compreensão e depende de um *enquadramento* que permite situar os participantes. Em outras palavras, temos, pelo *script*, uma estrutura para a experiência e dela advinda.

A aproximação desse conceito teatral à vida real, ou seja, às práticas cotidianas da linguagem, permite vislumbrar a compreensão da relação entre a cognição, a mente e os fenômenos semânticos (pela estrutura de eventos). Esses planos predefinidos para a organização e performance de eventos têm uma dimensão social/estrutural, ou seja, moldam a experiência e a interpretação dentro de um quadro social específico (Goffman e Berguer, 1986).

As autoras demonstram que *theatrical frames* são esquemas de interpretação de atividades culturais via narrativa. Estes seriam estruturas secundárias, de fabricação de uma experiência, transformada da estrutura primária cotidiana para o espaço narrativo. É o *faz de conta*, o *make-believe*: o público sabe que não se trata de uma realidade primária, mas a interpreta como uma estrutura de eventos, tempo (*era uma vez*) e espaço fictícios.

Leonard Talmy (2018) também se refere a esse aspecto ao mencionar o *mundo narrativo*, que possui a sua própria “linha do tempo interna à fala” e é estabelecida conceitualmente pelo discurso. Por exemplo, palavras como *now*, *earlier* e *later* podem direcionar o ouvinte a localizações temporais na linha do tempo instituída pela narrativa, conectando-os semanticamente. Para o autor, há ainda outros aspectos relevantes da relação entre a mente e a narrativa, que é a *conceptualização espacial do discurso*.

A narrativa se desenrola ao longo do tempo, que é conceptualizado metaforicamente como um locutor movendo-se no espaço. Em outras palavras, ao representar o tempo, o locutor pode utilizar pistas corporais que ativam a analogia espacial (*aqui*, *acima*, *abaixo*) ou elementos temporais que direcionam a regiões dentro da estrutura da narrativa (*agora*, *anteriormente*, *mais tarde*). Todas essas intuições do autor permitem observar a relação fundamental entre a cognição e os aspectos narrativos da linguagem.

Seguindo o pressuposto imaginativo da cognição humana, Talmy trabalha com a noção de *fictividade* das representações mentais, noção crucial para entender como a mente processa informações. A *fictividade* ocorre dentro da *psique* do indivíduo e envolve a coexistência de representações *fativas* (consideradas mais verídicas) e *fictivas* (consideradas menos verídicas). Tal compreensão implica considerar que, na ficção, a mente constrói reinos inventados que têm uma existência virtual em um domínio cognitivo, que é um referente *fictivo*. A capacidade cognitiva de manter e processar essas informações não verídicas é fundamental para a compreensão de narrativas.

Trata-se de um fundamento segundo o qual a mente não somente apreende, mas também *constrói a experiência*.

Esta dicotomia (*factivo vs. fictivo*) constitui um *padrão cognitivo* dentro da mente de um único indivíduo, uma “discrepância entre duas representações cognitivas da mesma entidade” (Talmy, 2018). Uma parte da cognição sabe que algo é *factivo* (por exemplo, “o amor não é uma jornada”), enquanto outra parte tem uma representação *fictiva* (“o amor é uma jornada”). É precisamente a consciência dessa discrepância que permite reconhecer fenômenos como a metáfora.

Talmy (2018) apresenta o conceito de *encadeamento fictício* (*fictive chaining*), definido como uma *sucessão de construtos fictícios (estruturas ou operações) que um ouvinte conceptualiza conectando elementos da experiência* – a construção dessa cadeia de eventos é fictícia e depende da *imaginação*, que *preenche lacunas, estabelece progressão e causalidade* (por exemplo, “foi comprar cigarros e não voltou mais”).

A sequência narrativa está implícita na *estrutura de eventos*, noção fundamental para a compreensão da cognição dentro do modelo de semântica sociocognitiva de Talmy. A organização de eventos ajuda a compreender como a mente humana estrutura a experiência conceptual.

Por exemplo, se pensarmos em um evento de movimento, teremos quatro componentes: a) A *figura*, que é o objeto que se move ou localiza; b) o *movimento* ou a localização; c) o *caminho* ou o local (caminho percorrido se há movimento, local ocupado se é estacionário); d) o *ground* ou solo: objeto de referência em relação à figura. Trata-se de elementos semânticos fundamentais para qualquer sintagma que represente o movimento. Pensamos no movimento, então, como um elemento básico de narratividade que está presente na linguagem e que instancia processos cognitivos básicos do cotidiano.

Além do movimento, há outros *tipos de eventos semânticos básicos*, analisados por Talmy (2018), como a *correlação de ação*, a *mudança de estado*, a *realização* e o *contorno temporal*. O autor vai além ao demonstrar que esses eventos de enquadramento são caracteristicamente expressos na superfície sintática (por exemplo, na posição do verbo em relação à sua centralidade na sentença). Os eventos estão organizados em sequências temporais de eventos no discurso. Por exemplo, a sequência pode ser marcada pela alternância entre os turnos conversacionais, nos diálogos ou por elementos lexicais ou morfológicos de marcação sequencial.

Nesse contexto, a semântica sociocognitiva permite proposições de análise que tratam a relação entre mente e linguagem de forma profundamente integrada com os aspectos sociais e culturais. Assim, a linguagem, que é o instrumento primário de pensamento e comunicação, fundamenta-se

tanto na cognição quanto na interação social – facetas que estão íntima e indissociavelmente relacionadas (Langacker, 1999).

A MENTE IMAGINATIVA

Conforme mencionamos, a noção de mente, no contexto deste trabalho, tem a criatividade e a imaginação como características essenciais para a produção de sentido. Vale explorar mais, por aqui, a noção de *mente literária* trabalhada por Turner (1996, 2002) e, de forma complementar, a noção de *poética da mente* apresentada por Gibbs Jr. (1994).

Gibbs postula que as capacidades cognitivas que subjazem à atividade literária – a linguagem figurativa, a criação de narrativas, a imaginação e a criatividade são de fato fundamentais e constitutivas da mente humana em geral. Nas palavras do autor, a “cognição humana é profundamente poética”, ou seja, a linguagem figurativa constitui a forma como entendemos o mundo em que vivemos e nós mesmos. Assim, a linguagem figurativa não é rara ou especial, mas compõe ou ajuda a compor a mente humana. De acordo com o autor, pode ser impossível definir o significado *literal* de uma proposição real que seja verdadeiramente independente do contexto ou da situação comunicativa. É difícil sustentar a primazia ou mesmo a existência de um nível de processamento puramente literal. O que se observa é que a mente opera de uma forma mais flexível, imaginativa e contextual.

A *mente literária* é uma mente que interage dinamicamente com a vastidão de conhecimentos corporificados e experienciais para construir significado – ela não lida linearmente com um conjunto discreto de símbolos literais. De acordo com Fauconnier e Turner (2002), a capacidade de construir mundos hipotéticos ou fictícios (*contrafactuais*) é crucial para o raciocínio e depende da manipulação das informações nos espaços mentais: trata-se, como já mencionado, de construções *fictivas*, consideradas como *operações cognitivas diárias*.

Dessa forma, metáforas, metonímias e outras figuras refletem a forma como o pensamento pode se estruturar – vide as metáforas conceituais⁶, descritas por Lakoff (1980). As metáforas conceituais, em que se pode tomar um domínio abstrato (como IDEIAS) em termos de domínio mais concreto (como COMIDA), demonstra como o saber das experiências corporificadas molda a conceptualização do mundo (“ela tem fome de conhecimento”).

Certamente, a posição crítica em relação ao pensamento *literalista* da representação contesta a noção de que o pensamento e a linguagem são literais (primazia lógico-racional). Para autores como Gibbs Jr., Fauconnier e Turner, a imaginação é universal, ela é o motor central do significado – a mente opera de forma dinâmica, criativa e construtiva para gerar significado.

⁶ Para mais leituras sobre metáforas conceituais (TAVARES, 2023).

Em diálogo com Turner (1987) e Gibbs Jr. (1994), se a mente humana é inerentemente poética e opera através da linguagem figurada, então a literatura (incluindo as tradições narrativas) explora e manifesta essas capacidades de forma particularmente complexa. Por isso, um estudo sobre a relação entre a mente e a narrativa nos permite ver aspectos da mente que são difíceis de observar em outros contextos.

É importante destacar que conceber uma mente imaginativa requer superar o princípio unitário da mente e desenvolver a ideia de *capacidades cognitivas compartilhadas*. A linguagem humana e a compreensão repousam sobre “sistemas mentais comuns partilhados pelos membros de uma comunidade linguística” (Turner, 1987) – veja acima o tópico sobre cognição cultural.

Tem-se, epistemologicamente, um fundamento importante da linguística sociocognitiva que rejeita a ideia de compartimentos estanques ou módulos autônomos independentes dentro da cognição. Podemos dizer que *as capacidades cognitivas associadas à produção e compreensão de narrativas* não é uma propriedade individual, mas ela acontece integrada a um sistema cognitivo que envolve a sociedade, quer dizer, o contexto.

As abordagens de Gibbs Jr. e Turner, embora partam de focos ligeiramente distintos (Gibbs Jr. mais focado na evidência empírica do processamento psicológico e na ubiquidade da metáfora conceitual; Turner mais focado nas estruturas conceituais, nos mecanismos de blending, parábola e na análise retórica/literária), convergem significativamente na ideia fundamental de que o pensamento figurativo e a capacidade de processar e criar linguagem figurativa são centrais e indispensáveis para a cognição humana ordinária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A semântica vericondicional, frequentemente associada à lógica formal e a certas vertentes da linguística formal, como a gramática gerativa, postula que o significado de uma expressão linguística reside primordialmente em suas *condições de verdade* (Langacker, 1991). Essa visão está alinhada a um *compromisso objetivista* que assume que a realidade é composta por entidades determináveis, com propriedades e relações objetivas (associada por Rorty a Frege e à tradição analítica que entende significar como representar algo fora da linguagem); o significado seria entendido em termos de referência e verdade. A semântica, nessa perspectiva, lida com símbolos e como estes se associam ao mundo objetivo.

Para Lakoff (1990), o significado, nessa visão tradicional, é frequentemente concebido como algo que pode ser predeterminado ou anterior ao contexto de uso específico, ou mesmo à própria cognição humana,

correspondendo a entidades e categorias no mundo real ou em mundos possíveis. Essa combinação de uma semântica objetivista baseada na verdade e uma sintaxe formal e autônoma constituiu o paradigma dominante até o final do século passado, mas enfrentou desafios, até mesmo quanto à descrição gramatical (Taylor, 2012).

Enquanto a abordagem formal reagiu ao behaviorismo e ao relativismo antropológico (Croft, 2003), a linguística cognitiva se enquadra em um movimento mais amplo da ciência cognitiva, que busca integrar o estudo da linguagem a outros aspectos da cognição humana (Langacker, 1991).

Como já mencionamos, para a linguística sociocognitiva, o significado é igualado à conceptualização, que é entendida em um sentido amplo: o significado não se restringe ao conteúdo conceptual (*o que é concebido*), mas inclui como esse conteúdo é moldado e interpretado (*como é concebido*). Conforme Langacker (1991), as conceptualizações caracterizam-se em relação a *domínios cognitivos* que vão desde experiências perceptuais básicas até sistemas complexos de conhecimento. Por isso que a estrutura semântica é, em grande medida, *idiossincrática a cada língua*, sendo resultado de estruturas conceptuais convencionalizadas especificamente nas comunidades.

A linguística sociocognitiva desafia diretamente a ideia de que o significado é anterior à linguagem ou reside fora dela independentemente e plenamente, a ponto de ser *codificado* ou *expresso*. Em vez disso, *a linguagem é o próprio sistema de estruturação conceptual* (Talmy, 2018). O significado vivenciado linguisticamente é construído no uso da linguagem, não sendo simplesmente decodificado de um reservatório de significados fixos anteriores. De acordo com Langacker (1991), quando olhamos para uma expressão linguística, ela não contém a totalidade do significado pretendido pelo falante, mas fornece pistas e instruções para que o ouvinte construa o significado contextualizado – tudo isso se dá através de um processo cognitivo em tempo real.

Por isso também que não pensamos mais em uma estruturação composicional dos enunciados quando a soma das partes construiria um significado maior. Langacker (1999) descreve diversos contraexemplos da teoria composicional do significado, concluindo que as partes e o contexto motivam o significado, mas este não pode ser previsto ou determinado. Por isso, a linguagem pode mudar constantemente e o significado não é uma propriedade anterior, eles são influenciados pelo uso dinâmico e instável.

Neste trabalho, portanto, procuramos refletir sobre a narrativa pelo viés da semântica sociocognitiva para incluir a linguagem literária, a imaginação e a criatividade como aspectos da linguagem fundamentais a nível de cognição e da experiência vivida. Se a mente está no corpo e o corpo está no mundo, a interação entre conceitos e vivências se dá levando em consideração os

sentidos (corporais) e os esquemas imagético-cinestésicos que a mente cria para conceptualizar essa experiência e interagir culturalmente.

Ainda, para finalizar, os processos de referenciação desempenham um papel central na construção do mundo que vivemos e em como o vivenciamos (Marcuschi, 2007). Essa visão implica que a referenciação não é um ato de representação ou designação de entidades independentes e predeterminadas, mas é, sim, uma atividade criativa. Quer dizer, não representamos um mundo já pronto; em vez disso, a apreensão e a constituição das coisas no mundo estão intrinsecamente ligadas a atividades discursivas e interativas. A linguagem é uma *ação conjunta*, em que os falantes utilizam simultaneamente recursos internos, individuais, cognitivos e recursos sociais, culturais (Koch e Cunha-Lima, 2004). Nesse caso, a cognição é inerentemente situada no contexto cultural.

Nessa revisão teórica, apresentamos a ideia central de que a imaginação é um dos motores do significado, pois os falantes atribuem e manipulam a referência e constroem domínios conceptuais. A mente corporificada cria esquemas imagéticos que ilustram como a experiência corporal e a memória sensorial amparam nosso falar e pensar, distanciando-se de uma visão puramente abstrata ou lógica da cognição.

Bibliografia

CROFT, W. **Typology and Universals**. Cambridge: Cambridge University, 2003.

CRUSE, D. A. **Meaning in Language. An Introduction to Semantics and Pragmatics**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2000.

FAUCONNIER, G. **Mental Spaces**. Cambridge: Cambridge University, 1985.

FAUCONNIER, G. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**. New York: Basic Books, 2002.

FILLMORE, C. Frames and the semantics of understanding. **Quaderni di semantica**, II, n. 2, dezembro 1985. 222-256.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis. An Essay on the Organization of Experience**. Boston: Northeastern University Press, 1986.

JR., R. W. G. **The Poetics of Mind. Figurative thought, language and understanding**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

KOCH, I. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: MUSSALIN, F.; BENTES, C. A. **Introdução à Linguística. Fundamentos Epistemológicos**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago, 1980.

LANGACKER, R. W. **Concept, Image and Symbol. The Cognitive Basis Of Grammar**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1991.

LANGACKER, R. W. **Grammar and conceptualization**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais**. Rio de

Janeiro: Lucerna, 2007.

RAYMOND W. GIBBS, J. Introduction. In: RAYMOND W. GIBBS, J. **Mixing Metaphor**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016.

ROSCH, E. Cognitive Representations of Semantic Categories. **Journal of Experimental Psychology**, n. 3 Vol. 104 1975.

ROSCH, E. H. Principles of categorization. In: ROSCH, E. H.; LLOYD, B. **Cognition and categorization**. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum Associates, 1978. p. 27–48.

SHARIFIAN, F. **Cultural Conceptualisations and Language**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011.

TALMY, L. **Toward a cognitive semantics, vol. 1: concept structuring systems**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000.

TALMY, L. **The Targeting System of Language**. Cambridge; London: The MIT Press, 2017.

TALMY, L. **Ten Lectures on Cognitive Semantics**. Leiden; Boston: Brill, 2018.

TAVARES, V. D. R. D. S. **“Que país é esse?”: um estudo sobre o uso figurado da palavra Brasil**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023.

TAYLOR, J. R. **The Mental Corpus. How Language is Represented in the Mind**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2012.

TURNER, M. **Death is the Mother of Beauty. Mind, Metaphor, Criticism**. Chicago: Chicago University Press, 1987.

TURNER, M. **The Literary Mind**. Oxford; New York: Oxford University Press, 1996.

TURNER, M. Figure. In: KATZ, A. N., et al. **Figurative Language and Thought**. New York; Oxford.: Oxford University Press, 1998.

TURNER, M. The Art of Compression. In: (ED.), M. T. **The Artful Mind. Cognitive Science and the Riddle of Human Creativity**. Oxford; New York:

Oxford University Press, 2006.

VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **The Embodied Mind. Cognitive Science and Humand Experience.** Cambridge Massachusetts: MIT Press, 1993.

WIERZBICKA, A. **What did Jesus Mean? Explaining the Sermon on the Mount and the Parables in Simple and Universal Human Concepts.** Oxford; New York: Oxford University Press, 2001.